

'Fui o primeiro a gritar contra o FMI'

Senador elogia nova preocupação do organismo com questões sociais

• *O senhor acha que a equipe econômica está amarrada demais aos acordos com o FMI?*

ANTÔNIO CARLOS: Quem primeiro gritou contra o FMI fui eu. Gritei contra aceitar as medidas que o FMI nos impunha. Mas a equipe econômica aceitou. E agora o FMI toma uma posição dentro daqueles pontos de vista que defendemos (combate à pobreza). Temos de revisar tudo que amarra o crescimento, não importa se é o FMI ou não. O FMI não pode tirar a autonomia e a independência da ação do Governo.

• *O país deveria renegociar os juros da dívida externa?*

ANTÔNIO CARLOS: Se você quiser que o país tenha respeitabilidade, não pode deixar de pagar. Mas deve renegociar juros em consequência até mesmo desse gancho social dos organismos internacionais.

• *O Banco Mundial, entidades internacionais e o FMI reconheceram a necessidade do combate à miséria. Agora vai?*

ANTÔNIO CARLOS: A comissão mista que criamos está trabalhando intensamente. Temos até como dar um diagnóstico não só do Brasil como de países similares. Chegou a hora de ver como operar essa situação e de buscar os recursos.

• *O Governo tem, então, que mudar a política econômica?*

ANTÔNIO CARLOS: O diretor-gerente do FMI, Michel Camdessus, disse algo maravilhoso: "Ouvir o grito dos pobres". Não é possível que o Brasil não ouça essa voz. Se não conseguirmos erradicar a pobreza, pelo menos devemos diminuir a miserabilidade. Nosso país tem que ter políticas compensatórias, senão todo mundo vai morrer de fome, vai morrer analfabeto. É importante abrir os olhos dos brasi-

leiros, que ficam muito na base de crescer o bolo, mas toda vez que o bolo cresce a desigualdade aumenta, porque o bolo vai mais para quem tem mais. É um esforço da sociedade, não só do Governo.

• *O senhor acha que o ministro Pedro Malan está à direita do FMI?*

ANTÔNIO CARLOS: Fico triste quando tenho que ficar com o Camdessus contra o Malan. Mas o que vou fazer?

• *Os desenvolvimentistas então tinham razão?*

ANTÔNIO CARLOS: Uma coisa é soltar dinheiro para fazer tal obra, de qualquer jeito. Outra é fazer o desenvolvimento sustentado. Por isso, acho que é necessário o casamento estabilidade-desenvolvimento. Senão, vamos voltar ao nosso sistema inflacionário, inegavelmente o pior dos males para a pobreza. Vou fazer algumas pesquisas no exterior, vou ter um debate com o PT no dia 18. Acho que isso está acima dos partidos.

• *O senhor hoje tem pontos de convergência com o PT?*

ANTÔNIO CARLOS: Há pontos em comum, embora muitas vezes o PT radicalize e não aceite aliados que pensam como ele. É uma mentalidade um pouco retrógrada. Mas o PT, com seminários em que chama pessoas com idéias diferentes, está avançando.

• *O Plano Plurianual (PPA) do Governo contempla as áreas sociais adequadamente?*

ANTÔNIO CARLOS: O Nordeste perde bastante, meu estado (Bahia), que tem o maior semi-árido do Nordeste, perde muito também. Então, o Nordeste tem que reivindicar. Acho positiva a escolha de um relator do Sul (deputado Renato Vian-

na, do PMDB de Santa Catarina). Do contrário, a mídia e os poucos avisados vão dizer que é o coronelismo que quer ainda manter a pobreza.

• *O senhor acha que o presidente Fernando Henrique recuperaria a popularidade voltando-se para o social?*

ANTÔNIO CARLOS: Acho que ele vai melhorar a popularidade. Pode não chegar ao que era. Mas terá que fazer modificações básicas, mantendo o estilo. Fernando Henrique é um dos homens mais dotados que já chegaram à Presidência. Entretanto, acho que a competência que ele tem poderia render mais. Acho que ele foi acordado para o problema, após os sucessivos resultados das pesquisas.

• *O Judiciário quer um teto salarial separado dos outros poderes. O que o senhor acha?*

ANTÔNIO CARLOS: Ninguém deve ganhar mais se não houver um aumento geral. É cruel dar aumento de R\$ 2 mil, R\$ 3 mil para determinadas categorias e não ter nada, absolutamente nada, para o salário-mínimo. Se o presidente não pode dar aumento geral, não pode aumentar o teto nem do Judiciário nem do Legislativo. Os juízes ganham mais do que dizem que ganham.

• *O senhor passou a defender a renegociação das dívidas dos estados. Por quê?*

ANTÔNIO CARLOS: Porque eles firmaram o acordo conscientes de que poderiam cumprir e não podem. É muito melhor diminuir o percentual e receber. É possível dar folga aos estados e a União vai receber o que lhe devem. ■